

Fernanda Germano

Pelas frestas

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

Fumaça

Toda vez que morre uma mulher, outras renascem.

É condição da vida das filhas e das netas iniciarem a viver somente quando uma antepassada falece. Da mesma forma, minha mãe tinha de morrer para que eu e Eva continuássemos vivas — melhor: para que iniciássemos a vida. Mas eu não morreria ainda em meio às chamas. Caso eu lhes permitisse o poder de retirarem-me a vida, notei que partiria sem me despedir. Eu, no entanto, desejava a despedida: nada há de mais bonito do que dizer ao outro o que se quer.

A fumaça tomava o barraco.

Enfiava-se na madeira úmida após as chuvas fora de época. O que eu via eram cinzas. O teto desabava seco. Levou consigo meus colchões, meu fogão e a cadeira que costumava ser da minha avó. Como não tinha cômodos, posso afirmar que todo o barraco foi destruído. Não houve sobras no quarto ou na cozinha, pois não havia quarto ou cozinha e a divisão não existia na comunidade. Era tudo um; éramos todos uns. Nas paredes, não havia estrutura ou concreto; havia somente o desenho que eu fiz para a minha irmã — que eu não tive.

As madeiras laterais passaram a servir de pavio invertido: o fogo começara de baixo, foi a tomar as partes medianas,

chegou ao topo e se alastrava por toda a estrutura que Rubião reformara com a pouca mão que tinha. Eva chorava. Com as fraldas encharcadas, Eva chorava de desconforto. Um choro arregaçado, com o qual eu não estava pronta para lidar. Em cada espaço, o fogaréu se achava e adentrava sem piedade a vida de quem não tem vida dentro da vida. Perdíamos o mínimo que tínhamos. Interrompia minha respiração de tempos em tempos, para ver se morria depressa. Mas Eva me encarava com aqueles olhos gigantes, fundos, melosos de remela, e eu me sentia obrigada a agir. Pensava o que poderia fazer frente à situação.

Eu queria poder engoli-la, para fazê-la viver somente em mim. E poderia deixar a menina, bater em retirada, salvar-me, experimentar o que ainda estava por vir, dizer que morrera a criança nas chamas... Mas eu não teria tal coragem. Em certa medida, não notava o desastre em andamento. Nem reparava na sua magnitude. Acostumada aos baques, o incêndio era uma tragédia em curso fantasiada de normalidade. Estávamos habituadas à água da chuva a invadir-nos o espaço, mas o fogo era pior: tomava tudo com mais afinco e nos marcava, na pele.

A tragédia

No início daquela noite, fazia suco em pó na pia improvisada com uma torneira doada pela Zezé e uma pedra de granito com um furo no meio que foi parar no barraco pelas mãos do Nelsinho, o mestre da comunidade — e agora já falecido há mais de vinte anos. Passava das oito e não havia tido uma única refeição completa naquele dia. Eva sentia um calor que mais me atingia do que a ela. Vivíamos no inferno, sem termos consciência de que essa palavra nos era mais real que religiosa. Pus-me a mexer o pote com pó roxo e água — morna, pois recém-tirada da torneira — e, distraída, apurei meu olfato e senti: cheiro de vela de aniversário. Poderia ser um sinal divino a enviar os parabéns à Eva. Mas não é assim que a vida funciona. Era já uma faísca, uma chaminha, um foguinho, entre uma tábua e outra da parede lateral do barraco.

Voltei os olhos em direção ao cheiro. Como obstáculo, estava a menina, contente com o galho da única árvore das proximidades, que catei em uma das andanças que fazia quando ainda estava gestante. Minha visão parou ali: como pudera eu, tão feia e tão sem graça, gerar uma imagem tão confortável? Tentei buscar o cheiro, que nem me assustava — tamanho o meu cansaço -, mas, menos que achando-o difícil de se encontrar do que desistindo de buscá-lo, decidi juntar-me a Eva.

Atirei-me ao chão. Com ela, tão disponível, apenas na espera da minha chegada, com a tal disposição para me conhecer e para deixar que eu a conhecesse, apaixonei-me pela primeira vez por minha filha. O cheiro ficava mais próximo: espreitava nas frestas do barraco, olhava quem havia lá dentro, se valia ou não à pena tomar tudo, destruir tudo, queimar tudo. Na minha descoberta da paixão, dividi-me entre o encantamento e a preocupação. Quanta injustiça. Logo agora que sabia ser quem eu era, havia uma tragédia em curso. Ficamos no silêncio que aquele lugar nunca tivera.

Algo estava a acontecer, certamente.

No meio da minha intuição e da fuga, já haviam chamas ao redor de toda a estrutura do barraco. Começara pela lateral, aquela chaminha que primeiro senti; pelas frestas, ascendia o quente e o vermelho, até o teto de lona. Ali, foi a explosão. Estávamos no interior de uma bola de fogo.

Fiquei imune aos sentidos. Não ouvi gritos, nem vi correndo as mulheres com seus pequenos no colo. Eu somente pensava que Deus havia de ter colocado esse fogaréu na minha vida para que eu despertasse. Raptei Eva com um dos braços; com o outro, passei a mão pela cama e agarrei o que havia de roupa ali em cima. Corremos como nunca havíamos feito e nunca mais faríamos. Eu só pensava: *filha, não derruba esse galho*. Porque era o único brinquedo que ela tinha; era o único objeto que eu poderia lhe garantir. Daquele momento em diante, o incerto ficara impossível. Estávamos à deriva da vida, sem ter onde ficar, onde cair mortas. Mas eu havia sobrevivido em dobro, com dois corações, quatro pulmões e oito membros. Não havia do que não fôssemos capazes.

Espiei pelas frestas da cortina de fumaça que nos incendiava, quase por dentro: era hora de ir embora.

Eva

Eu já tinha treze anos quando a Eva nasceu.

Meu corpo mudava de dentro para fora. Andava pesada, permanecia cansada, passei a comer mais o pouco que guardava, a faltar do trabalho. Deitava-me mais cedo e, por vezes, não fazia questão de me levantar. Minha mãe nem reparou: continuou a vida sem perturbações. Porque a perturbação estava dentro de mim. E ela torcia para que eu perdesse o bebê. Quando estava tudo bem, ela inventava resistências, para não perder o hábito da infelicidade.

Cheguei a pensar em procurar o centro de saúde. Mas a comunidade era ilegal: ocupamos a terra sem autorização da prefeitura e, portanto, não tínhamos endereço. E, sem endereço, não há lugar onde mora a saúde. Aguentei por mais três meses. No quarto mês, as minhas roupas não me serviram. Minha barriga crescia — eu gerava alguém dentro de mim. Minha primeira reação foi a ignorância; a segunda, a revolta; e a terceira, a tristeza. Vi Rubião somente aos sete meses de gestação. Já gigante, enorme, cheia de líquidos e movimentos nas entranhas, fiquei satisfeita pelo seu sumiço ter sido tão longo: a barriga já falava por si e eu não precisaria me humilhar.

É *meu*?, ele me perguntou, com os olhos arregalados.

Não. É meu. É somente meu esse bebê. E vai ser só meu porque eu quero. — era o que eu gostaria de ter lido em resposta.

No entanto, tão covarde e ainda tão longe de me encontrar, consegui apenas convidá-lo para tomar uma água no barraco. Ficamos os três em silêncio por tempo suficiente para nos incomodarmos com a presença uns dos outros. Não colocamos as cartas na mesa, não fomos honestos, não nos reconciliamos — *pela criança*. Éramos dois postes bebericando a água morna da pia em copos de plástico mordido pelos ratos que se aninhavam no armário da garagem.

Mas quando a Eva veio, pensei em tudo se alterando. Ela me escolhia como mãe mesmo que eu não tivesse noção do que significava receber tal título. Teria agora uma companhia fixa — pois não existe coisa como uma ex-filha. Finalmente, alguém que precisaria de mim integral e irrestritamente; aquele serzinho minúsculo seria meu maior amor. Chegava de buscar no homem o meu consolo. Eu estava exausta de tanta recusa; precisava de um sim. E Eva era quem poderia me garantir todas as afirmações de que eu necessitava. Eu buscava o amor no alguém errado, sem ter consciência de que a paixão já me havia encontrado na forma da Eva.

Na época, ainda era ajuntada do pai da menina. Mas nosso romance já não era a mesma alegria: faltava comunicação. Eu queria que ele me conhecesse pelos próprios olhos, que se sentasse à minha frente, em uma daquelas noites efervescentes em meio às paredes de madeira, e me olhasse com o interesse de um biólogo frente a uma planta exótica. Porque é isso o amor: a disposição para conhecer, o interesse. Na nossa falta de comunicação, porém, nos tornamos indisposição permanente. Aguentei dois anos

com o Rubião. No dia em que decidi que bastava, percebi que sentia falta de mim; de imaginar que cantava nas festas da igreja, de fazer contas de matemática, de fofocar com as meninas na escola. E ele responderia a meu término com qualquer merda. Eu ficaria contente: partiria com a menina para o centro, tentaria uma vaga no abrigo e reformularia minha existência. Mas, como acontece a todos os meus planos, falhei. Rubião desaparecera de novo antes que eu pudesse ensaiar o que lhe diria.

Você me ensinou a sentir com a cabeça, ele disse.

Descobri, anos mais tarde, que passou a morar nas valas do viaduto Costa e Silva, até o dia em que foi morto.

Esperei, hora após hora, ver-lhe apontar o rosto no barraco.

Eu era uma grande sala de espera: onde todos ficavam alguns minutos, transitórios, antes de partirem desesperados para o evento que importa. Cada etapa do meu serviço doméstico era uma distração da espera pela cara dele na porta do barraco. E um peso me sobrecarregava os órgãos. Eu desejava partir e não que *ele* partisse; a ordem natural das coisas tinha me virado do avesso. Nos primeiros dias, peguei-me perdida. Não sabia o que fazer, como agir, o que dizer. Sozinha, cuidava de Eva e ela não cuidava de mim. Passei a sentir uma espécie de abandono, diferente daquele que ocorre somente porque alguém vai embora: um abandono da vida. O tempo passou e comecei a me conformar. Em um ano, dediquei-me ao ambiente doméstico sem restrições. Sem dinheiro, vivíamos de doações — eu não conseguiria passar pela porta e sair para trabalhar, não seria capaz de botar-me no mundo assim. Não apontava meu rosto na rua; ninguém me veria. Conformei-me em ser coadjuvante. Mas já estava acostumada a esse estado; o que passou a me inco-

EDITORIA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em abril de 2023.
